

ELEIÇÕES

Mais um passo rumo à aliança

Lula e Alckmin se encontram em jantar, mas evitam falar de composição de chapa para a disputa presidencial em 2022

» DENISE ROTHENBURG
» ISRAEL MEDEIROS

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-governador Geraldo Alckmin deram, ontem, mais um passo na direção do fechamento de uma chapa para a campanha à Presidência, em 2022. Em evento promovido pelo grupo Prerrogativas — que reúne vários advogados de peso —, em São Paulo, os dois se encontraram naquele que foi classificado por muitos como a mais concreta ação para a formulação de uma aliança.

Os dois se abraçaram, conversaram e aceitaram ser fotografados juntos. Após uma série de homenagens, Lula agradeceu a presença de Alckmin, mas desconversou e disse que nada está decidido.

“Ainda não defini minha candidatura porque tenho muito juízo. Sei da responsabilidade que tenho. Quando disser que sou candidato à Presidência, sei que o Brasil que eu vou pegar em 2023 é muito pior que o que eu peguei em 2003. Tenho muita responsabilidade e não quero brincar com o povo brasileiro”, disse Lula.

O petista também garantiu que a escolha do vice será feita pelo PT, e que é cedo para falar sobre uma união com o ex-governador. “Tenho que respeitar o Alckmin, que deixou o PSDB, não tem partido e vai se filiar a um. Não sei qual e quem vai dizer se podemos nos juntar são os nossos partidos. Temos que ter paciência. Nada acontece para o vice antes de acontecer para o presidente”, destacou.

Ao acenar para Alckmin

Ricardo Stuckert/Divulgação



Alckmin e Lula (com as respectivas mulheres) se cumprimentam, mas, segundo o petista, muito ainda há de ser conversado

como possível companheiro na corrida presidencial, o petista faz uma manobra semelhante àquela que o levou à Presidência pela primeira vez, em 2002, quando se aliou ao empresário José Alencar para garantir os votos de centro e sinalizar que não daria uma guinada na política econômica de Fernando Henrique Cardoso — posição concretizada com a Carta aos Brasileiros.

Mas a união sofre resistência

de setores do partido. Ao **Correio**, o deputado federal Rui Falcão (SP) disse que é contra Alckmin de vice. “Os programas de governo, especialmente, na área econômica, são diferentes. Além disso, o que um já falou do outro, torna a parceria ruim para os dois”, explicou.

O jantar contou com a presença de representantes de várias legendas, como MDB, Rede, PSB e até do PSDB. O ingresso custou aproximadamente R\$ 500 e o

dinheiro arrecadado — cerca de R\$ 300 mil — será revertido para campanhas de combate à fome. Compareceram, entre outros, o deputado federal Marcelo Freixo (PSB), pré-candidato ao governo do Rio de Janeiro; Márcio França (PSB), pré-candidato ao governo de São Paulo; os presidentes do PSB e MDB, Carlos Siqueira e Baleia Rossi, respectivamente; o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP); o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB);

o ex-prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto (PSDB); e o ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia.

Em todos os cenários das recentes pesquisas de opinião, Lula aparece com uma larga vantagem sobre Jair Bolsonaro, com possibilidade de definir a eleição no primeiro turno. O petista oscila entre 46% e 48% dos votos. Já o presidente permanece estagnado com 20% e 23% do eleitorado. **(Colaborou Fabio Grecchi)**

Mourão é lembrado

» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro afirmou, ontem, não ter descartado totalmente o nome do vice-presidente Hamilton Mourão para compor a chapa presidencial de 2022. No entanto, disse que ainda estuda o cenário, conforme declaração dada em uma live nas redes sociais.

“Vou escolher um vice, sim, pode ser até o próprio Mourão. Mas um vice que agregue e tenha conhecimento de Brasil, que ajude, porque não é fácil. O pessoal vai me dar uns tapinhas nas costas quando tem uma boa medida para anunciar. Quando tem uma salgada, quase ninguém fica do seu lado”, disse.

O general, porém, vem sendo estimulado a concorrer pelo governo do Rio de Janeiro ou ainda a buscar uma cadeira no Senado pelo Rio Grande do Sul. A relação entre ele e o presidente é marcada por idas e vindas.

Ainda em Praia Grande, onde fica até o próximo dia 23, durante conversa com apoiadores, Bolsonaro prestou solidariedade ao empresário Luciano Hang — atingido por um copo de cerveja no rosto no último dia 16, na final da Copa do Brasil entre Atlético-PR e Atlético-MG. O presidente vestia uma camiseta do clube paranaense em apoio ao amigo. “Um cara que chamaram de torcedor o agrediu com copo de bebida. Depois, Luciano fez um vídeo, eu assisti. Ele dá uma aula de civismo”, salientou.

PROCURANDO TERRENOS VALORIZADOS E BEM LOCALIZADOS PARA INVESTIR EM SALVADOR? VOCÊ ACABA DE ENCONTRAR.



A Prefeitura de Salvador está colocando à venda 16 terrenos em locais privilegiados da cidade.

São áreas de diferentes dimensões e características, todas com grande potencial de valorização. É uma oportunidade única de investimento para os mais diversos tipos de empreendimento. Em uma cidade que passa por um grande processo de revitalização, crescendo de maneira planejada e modernizando sua infraestrutura.



Saiba mais:
www.sefaz.salvador.ba.gov.br/servicos/licimoveis
www.terrenos.salvador.ba.gov.br

Secretaria da Fazenda
SALVADOR
PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

ROBERTO BRANT



“O DEPUTADO EM NOSSO SISTEMA NÃO PRESTA CONTAS DE NADA. PODE CRUZAR TODAS AS FRONTEIRAS, SEJAM PARTIDÁRIAS, IDEOLÓGICAS OU DE VALORES, E FAZ TODOS OS ACORDOS QUE FOREM CONVENIENTES”

O país das tristes certezas

Os analistas políticos e os economistas do mundo paralelo das finanças são unânimes em afirmar que o país está parado e que o câmbio, a inflação e os investimentos estão perturbados por causa das incertezas quanto aos resultados das eleições do ano que vem. O sentimento é que tudo pode mudar muito conforme o presidente que for escolhido. Penso que isto é reflexo de uma visão idealista da política, porque a semelhança do mundo do príncipe de Salina, do romance *O Leopardo*. Na maior parte do tempo, no Brasil os presidentes mudam para que tudo fique como está.

Na história das últimas décadas, o Brasil só mudou de fato sob o comando de uma ordem autoritária e impositiva, nos governos dos generais Castello Branco e Ernesto Geisel, ou sob raras lideranças inspiradoras, capazes de projetar uma imagem atraente do nosso destino, como Juscelino Kubitschek e Fernando Henrique Cardoso. No resto do tempo, os sistemas tradicionais da política e da Justiça se impuseram sobre a Presidência e acabaram ditando suas políticas e seu comportamento, muitas vezes no sentido contrário aos discursos de campanha.

As únicas escolhas eleitorais democráticas em nosso país, no sentido de que o povo sabe exatamente quem está escolhendo, e para que, são as de prefeitos, governadores e presidente da República. Nos países em que o regime de governo é o parlamentarismo ou naqueles de regime presi-

dencialista com apenas dois ou três partidos, também a escolha dos deputados é consistente com a vontade dos eleitores. No Brasil, a eleição dos deputados, que no fim das contas vai definir o que os governos podem realmente fazer, é um tiro no escuro. Ninguém, nem mesmo o cidadão mais sofisticado, tem qualquer noção das consequências do seu voto. O deputado em nosso sistema praticamente não presta contas de nada. Pode cruzar todas as fronteiras, sejam partidárias, ideológicas ou de valores, e faz todos os acordos que forem convenientes.

Limite extremo

Essa realidade vem de longe, mas, no governo atual, chegou a um limite extremo. Não é possível saber se no futuro algum presidente terá a força e a coragem para desmontar esses arranjos, que desmoralizam qualquer administração e ditam sua pauta, tornando-a fragmentária, paroquial e alheia às verdadeiras questões que cabe ao governo enfrentar.

A Constituição, que mudou tanta coisa, não quis reformar a vida política. Deu margem à multiplicação de partidos sem nenhuma razão de ser. Partidos sem projeto, sem propostas, sem nada que tenha relação com o interesse público. Salvo dois ou três, os outros não são democráticos; são partidos que têm donos e funcionam como cartórios, que distribuem franquias. No final, sem que ninguém per-

ceba, dominam as eleições e o Parlamento.

Enquanto perdurar essa ordem política, não há que se falar em incerteza. O que temos, ao contrário, são tristes certezas. A certeza de que o presidente a ser eleito, qualquer que seja ele, não vai ter maioria na Câmara ou no Senado. A certeza de que não precisa perder seu tempo em convencer 10 ou 20 partidos das razões de Estado, das carências da população e da construção de um futuro. Essa língua republicana não é compreendida num círculo que se acostumou com nomeações e emendas, se possível secretas, e que tem sob seu controle todas as pautas legislativas — e, se necessário, a ameaça dos impeachments. E a certeza de que para governar precisa ultrapassar muitos limites.

No fundo, não é só o presidente que é refém desse sistema infeccioso. É também a própria população. A verdadeira polarização da eleição de 2022, a que precisa ser resolvida, não é entre pessoas, mas a que separa, de um lado, a República e a sociedade, e, de outro, um sistema de chefetes partidários que tomou para si o Parlamento.

Pode parecer impossível, mas vou lembrar Hannah Arendt, quando disse que o homem, de um modo misterioso, é manifestamente dotado para fazer milagres e que os homens, enquanto puderem agir, podem realizar o improvável. E continuamente o realizam.